

Pousam, enfim, na gleba áspera e dura,
Luzes varando o serro triste e baço,
E avançam, refletindo, traço a traço,
A projeção de sol da imensa altura...

84 A quem vão socorrer na senda humana?
Sob a pálida luz da lua cheia,
Para onde marcha a excelsa caravana?

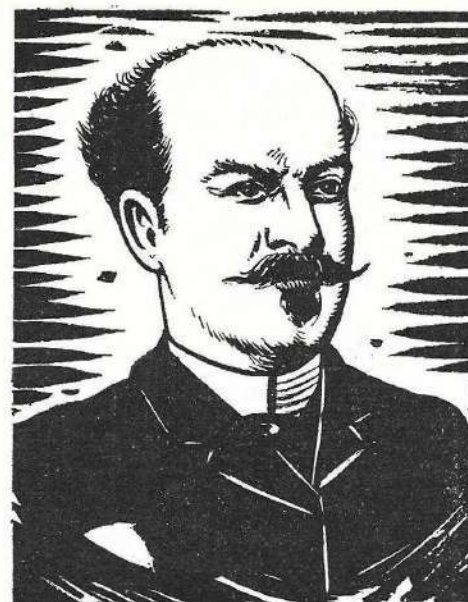
88 Descem, agora, as três, aquém do monte,
E abraçam pobre mãe que ora e pranteia,
Em gelado desvão de velha ponte...



84. Aliteração em l.

88. Sempre preso àqueles assuntos de simplicidade que caracterizaram sua poética, JD, neste soneto, revela-se continuar sendo sempre o João de Deus do *Campo de Flores*, suave, terno, imensamente poeta.

LUIS Caetano Pereira GUIMARÃES JÚNIOR *



PASTORAL

Acompanho a canção que a vida tece...
Chovem raios de sol doirando o espaço...
Verte o rio fugindo, passo a passo,
Do monte em cujos pés o lírio cresce...

Um trilo doce ecoa igual à prece...
Dorme a rosa em botão... Canta o sanhaço...
A flor que não se rende ao vento escasso,
Calma, espera na leira a farta messe...

(*) Poeta, jornalista, contista, comediógrafo, formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1869, depois de iniciar os estudos na Faculdade de S. Paulo, seguindo a carreira diplomática. Foi adido à legação brasileira no Chile, em Londres e em Roma, além de haver exercido as funções de secretário de legação em Lisboa. Aposentou-se no cargo de ministro plenipotenciário, na Venezuela. Sócio de várias Associações culturais do Brasil e do estrangeiro, foi fundador da cadeira nº 31 na

À luz do firmamento azul e escampo,
Abrem-se mamonais sorrindo ao campo,
E a brisa, leve e morna, escala a serra...

Meu coração soluça, sonha ainda,
E escuta as queixas da saudade infinda,
14 Quando volito além, fitando a Terra...

MATINADA

Ampla luz se desnastra, onda por onda,
Desponta a madrugada purpurina...
O carreiro das lágrimas termina,
Minha alma acorda, anseia, indaga, sonda...

Subo, encantado e pasmo... A etérea ronda
Das estrelas, na abóbada divina,
Lembra flores, em monte, na campina
Que o Eterno Lavrador cultivava e esmonda...

Academia Brasileira de Letras. Ronald de Carvalho (Peq. Hist. Lit. Brasileira, págs. 287-288), ao estudar a poesia de Luís Guimarães Júnior, acentuou que «as notas descritivas predominam, geralmente, sobre as subjetivas, o artista sobreleva ao poeta, e o pintor se avanta ao filósofo», acrescentando, adiante: «Há nos seus painéis um laivo de ternura discreta, um sentimento de melancolia muito particular.» Prefaciando-lhe *Sonetos e Rimas*, Fialho de Almeida chamou-lhe «o Massenet do soneto» (apud Iracema G. Vilela, *Luiz Guimarães Júnior*, pág. 110). (Rio de Janeiro, Gb, 17 de Fevereiro de 1845 — Lisboa, 19 de Maio de 1898 **.)

BIBLIOGRAFIA: *Corimbos*; *Sonetos e Rimas*; *Poema dos Mortos*; *Filigranas*; etc.

** Veja-se *O Ocidente*, Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro, Lisboa, 30 de Maio de 1898, pág. 128.

14. Neste soneto primoroso, o Autor se identifica perfeitamente, não apenas pela forma, em tudo semelhante ao que produziu quando encarnado, mas

A saudade aparece... O peito chora...
Gaturamo rompendo os véus da aurora,
Onde encontrar meu ninho nesses ramos?

Torno à Terra, em soluços de alegria!...
Bendito seja Deus que nos confia
O amor por céu na luz do lar que amamos!



sobretudo pelo fundo. Vejamos alguns versos de uns poucos sonetos do artista de *Corimbos*. Começemos pelo "Noite Tropical" (apud *Pan.* III, pág. 24):

"Dorme a fazenda: — apenas hesitante
A voz do cão, em uivos assustados,
Corta o silêncio, e vai nos descampados
Perder-se como um grito agonizante." (2º quarteto.)

Em "Madrugada na Roça" (*id.*, pág. 25), é interessante o 1º quarteto:

"Dentro da sombra matinal os campos
Riem-se ao fresco pranto da alvorada,
Sobre a planície verde e rociada
Voa o bando dos tardos pirilampos."

Cf., ainda, "Paisagem" (*id.*, pág. 26) e observemos o ritmo dos versos quase que sublimes.

Por fim, em "Idade Média", vejamos o último terceto:

"— Penso que um dia nos azuis espaços,
Livre afinal do mundo e dos teus braços,
Minha alma voará como a andorinha."

Atentemos, ainda, no esquema rimático usado: *abba* para os quartetos (o preferido pelo poeta, inclusive em "Visita à Casa Paterna", "Noite de São João", "Soneto Romântico", "Veneza" e outros sonetos) e para os tercetos o mesmo de "Veneza", "Idade Média", "A Borracheira", etc. As rimas auditivas (*tece c/ cresce, espaço c/ passo, prece c/ messe, sanhaço c/ escasso*) não eram estranhas ao autor, que soube tão bem servir-se de rimas até imperfeitas, como por exemplo: *bela c/ compreendê-la, "resvela" por resvala*, em "Noite de São João", *dela c/ estrela e bela*, em "Madrugada na Roça", *secreto c/ soneto*, em "A Borracheira".

Sobre o verbo *volitar*, cf. nota 13, PARTE I, pág. 42.